

Mission FS1

Introdução

De quando em vez surgem produtos diferentes. O pacote Mission FS1 é um desses produtos, distinto pela estratégia e pelo design.

Os consumidores estão habituados a caixotes de som volumosos, que esteticamente só se distinguem pelas dimensões e pelos acabamentos. Há bons motivos para isso: a relação qualidade / preço beneficia de décadas de experiência dos fabricantes com esse modelo de concepção, e a própria natureza mecânica das ondas sonoras – com apetites por espaços onde possam propagar-se – faz com que caixas bem concebidas sejam credíveis na reprodução de áudio.

Mas há outros critérios, para lá do desempenho estrito. Com a massificação dos sistemas de cinema-em-casa, normalmente a exigirem cinco colunas e um subwoofer, ficou claro que o impacto da função na decoração não poderia ser negligenciado. Um sistema de home-theater pode facilmente triplicar a «pegada decorativa» do seu equivalente estéreo; por isso, têm crescido as pressões no sentido da discrição.

A forma mais óbvia de diminuir a pegada decorativa, é diminuir a dimensão das colunas de som... mas como fazê-lo, sem comprometer a qualidade? Entre as várias tecnologias que poderão ser resposta, está a NTX, da companhia londrina do mesmo nome.

A ideia da NTX nasceu com as vibrações ruidosas de alguns aviões militares ingleses, depois de equipados com materiais, que pretendiam – precisamente – dissipar mais eficazmente as trepidações do aparelho.

A NTX investigou esses materiais e hoje licencia a utilização dos resultados em colunas de som muito “lisas”, que emitem som ao fazerem vibrar toda a superfície de um painel, a partir de vários pontos de controlo. Esta tecnologia não deve ser confundida com outras, como por exemplo a da vibração de um diafragma, a partir de um único ponto de emissão. Em teoria, com NTX, conseguir-se-ão colunas mais finas, mais leves, mais baratas e mais qualitativas nas altas frequências – tudo depende do material a ser controlado...

Em colunas de som «convencionais», os altifalantes vibram como um todo, a cada instante. Em colunas NTX, podemos imaginar a superfície dos altifalantes como sendo uma matriz de pontos eléctricos que funcionam como controladores do comportamento dessa área em particular, de forma a que poderá haver partes da coluna a reproduzirem frequências diferentes, no mesmo instante. Faz sentido.

O pacote Mission FS1 consiste em cinco colunas NTX, em plástico prateado, delgadas, com dois palmos de altura ou comprimento, e dois dedos de espessura. Para lá das NTX, este sistema depende de um subwoofer activo,

que também faz a interface com a fonte de sinal. O pacote inclui todos os cabos necessários.

Esta proposta da Mission é pois orientada à orquestração de sistemas de cinema-em-casa, em que há que dar voz a 5.1 canais: frente-esquerdo, frente-centro, frente-direito, posterior-esquerdo, posterior-direito, e LFE (low frequency effects). As FS1 do pacote são todas iguais, embora uma delas esteja preparada para ser usada deitada (a que será associada ao canal central).

Estas colunas Mission podem ser fixadas na parede, ou apoiadas em suportes fornecidos. Eu utilizei-as com os suportes fornecidos, que são umas pequenas bases que encaixam firmemente em aberturas próprias. O cabo de coluna entra-lhes por baixo e liga-se-lhes por uma ficha simples, mas própria deste sistema. A outra extremidade dos cabos, liga-se às saídas presentes no subwoofer activo, todas bem identificadas.

Note que só o subwoofer fornecido é que pode (ou deve) alimentar as NTX – você não poderá utilizar estas colunas directamente com o seu amplificador «convencional», a não ser que, para cada cabo, você corte a ficha original numa das extremidades, escarne os fios, e se atreva a ligá-los ao seu equipamento.

Como todos os subwoofers activos, o FS1 precisa de estar ligado à electricidade, mas porque também lhe compete distribuir o sinal para todas as colunas do sistema, e não tem nem amplificação, nem descodificação integrada, tem que receber os sinais já descodificados e já amplificados, por algum equipamento externo, como um qualquer amplificador AV, com saídas para todas as *colunas* de uma configuração 5.1.

Por outras palavras, nesta perspectiva, o subwoofer Mission FS1 é apenas a ponte entre as NTX e a amplificação externa, que é a verdadeira fonte de sinal. Os seus sinais de entrada são speaker-level; isto é, deverão provir directamente dos terminais de coluna do amplificador AV que se estiver a usar, e serão transportados até ele por um cabo especial, que numa extremidade se divide em cinco pares de fios (cada par tem um filamento + e outro -), para serem ligados às cinco saídas de coluna. A outra extremidade deste cabo liga ao subwoofer activo, concentrando todos os fios numa só ficha em matriz.

Quando abri a caixa das Mission FS1, fiquei chocado: colunas estranhas, cabos exóticos e um subwoofer em forma de iglô, fizeram-me temer por complicações. Mas estava errado, porque este sistema é francamente simples de erguer, mesmo sem ler o manual fornecido, que recorre a fotos coloridas para cada etapa do processo. Como todos os cabos têm etiquetas e fichas diferentes, só se enganarão os mais distraídos.

O subwoofer activo tem uma forma muito única, e faz a amplificação da entrada LFE que se lhe ligar. O utilizador pode controlar o volume de som, mas não a frequência de crossover, o que faz sentido, considerando que foi concebido para colunas de som muito concretas, e não para outras.

Integrei o sistema Mission FS1 com um amplificador AV integrado Yamaha RX-V430RDS e com o meu amplificador estéreo Creek 4330R.

Opinião

Os filmes Bidget Jones' Diary (BJD) e Lord of the Rings (LOTR) foram os meus eleitos para testemunhar o desempenho das Mission.

BJD tem a banda sonora mais feliz que me ocorre: é impossível ouvir o filme, sem ficar bem disposto. São músicas que evocam aquela excitação dos primeiros dias de um qualquer namoro, em que se sente literalmente actividade química pelo corpo todo, das pernas trémulas ao coração acelerado... Shelby Lynne é fervente em "Dreamsome", Geri Halliwell está overclocked em "It's Raining Man", Chaka Khan e "I'm Every Woman" lembrarão ritmos sem época; e Robbie Williams, Diana Ross, Patrick Doyle... estão lá todos, em desempenhos assinaláveis. O filme em si, é uma «comédia romântica», pejada de bla bla bla para desafiar a coluna central.

LOTR é o extremo da dinâmica! Howard Shore assina passagens que deverão levar novos consumidores ao mercado da música erudita. São especialmente poderosas e hipnóticas as sequências orquestradas com "A Journey in the Dark", "The Great River" e "Amon Hen".

O meu primeiro apontamento foi sobre a necessidade de mais curso de volume no amplificador AV, para conseguir certa pressão sonora. Depois, já em plena fruição do sistema, percebi a educação do subwoofer nos graves: firmes, sem arrasto e com uma intensidade fácil de dosear... Fácil até certo ponto, porque em sessões claramente exibicionistas será complicado fugir a uma tendência pesada, com um ligeiro lapso espectral na onda média-baixa.

As FS1 NTX são umas pequenas colunas, com predilecção pelo espectro superior. São preferíveis a muitos altifalantes de pacotes equivalentes (pacotes de cinco colunas + subwoofer), independentemente da tecnologia, mas não estão ao nível de colunas «convencionais» dedicadas, bem seleccionadas...

Estas NTX – as Satellite – respondem tarde, só a partir dos 265 Hz, pelo que o apoio do subwoofer é crucial. Na onda média e nos agudos, acontece como que a sua desforra. As frequências mais elevadas são mais direccionais, no sentido de que nos é mais fácil perceber a sua origem no espaço, e como as FS1 se ouvem «maiores» do que as suas dimensões físicas sugerem, edificam-se imagens estéreo focadas, projectadas com solidez e consistência, ao longo do tempo.

Embora transparentes, considero que o seu aspecto mais positivo é a naturalidade (desafogada) na onda média. São informativas, não ocultam detalhes, mas também não fazem aquele extra que, por exemplo, fez com que eu nunca esquecesse o tweeter Emit-R da Infinity (que não encontro em nenhum produto, desde há anos)...

O subwoofer do conjunto – chamado de FS1 -S – é deveras eficaz. Liga-se-lhe um cabo com sinal LFE, e ele activa-se, com uma energia óbvia: graves firmes, felizes no apoio às Satellite. Não são graves para demolições, mas estão lá e não distorcem com facilidade, quando você procura pressões sonoras generosas.

Eis alguns números:

FS1 Satellite	
Resposta em frequência	265 Hz – 20 kHz
Crossover	220 Hz
Sensibilidade	88 dB
Impedância	8 Ohm
Amplificação Recomendada	30 – 100 W
Dimensões, sem suportes (altura, largura, profundidade) mm	(317, 80, 41)
Peso	700 g
FS1 -S Subwoofer Activo	
Resposta em frequência	38 Hz – 180 Hz
Woofer	20cm de diâmetro
Potência	100 W
Dimensões, sem suportes (altura, largura, profundidade) mm	(400, 485, 335)
Peso	15 kg

A equipa Mission FS1, é senhora de uma estética singular e desintoxicante, muito pouco intrusiva, ou não estivéssemos a escrever de colunas com menos de 5 cm de espessura! Os cabos são o elemento do conjunto, com maior impacte na decoração.

O seu desempenho é aproximadamente equivalente ao de um conjunto de colunas convencionais pequenas, mas performantes, como as velhinhas Mission 760i, não complementadas por subwoofer.

No caso particular deste teste, a equipa FS1 esteve mais à vontade com BJD, do que com LOTR. Na orquestração da obra de Tolkien, são frequentes descidas demoradas até ao quase-silêncio, em que apenas subsiste um tambor ou uma flauta, para depois acontecerem subidas violentas, poderosas, razoavelmente bem suportadas pelo subwoofer. Os momentos de quase-silêncio é que são um problema para as FS1 Satellite, que precisam de alguma pressão para «espevitarem», e não têm a transparência suficiente, para deixar passar a pouca «luz» desses instantes.

Com BJD, a naturalidade dos diálogos e a alegria da música, jogaram lindamente com o foco e consistência deste conjunto Mission. As sessões de som envolvente só têm a ganhar.

Resumo

A Mission propõe a equipa FS1: um conjunto de cinco colunas de tecnologia NTX, e um subwoofer «clássico».

O design do produto é arrojado, com colunas de menos de 5 cm de espessura e uma caixa de graves que lembra uma micro tenda de campismo... ficando reunidas as condições para um sistema (com fios) no limite inferior da pegada decorativa.

O desempenho é bom. Bom pequeno. Mas a função não é tudo, pois não?